

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Mensagem dirigida pela commissão executiva de alguns homens de letras do Rio de Janeiro ao governo provisório dos Estados Unidos do Brazil, pelo Dr. Sylvio Romero. — II Como? por Tobias Barreto. — III A Nova Escola de Direito Criminal, por Arthur Orlando. — IV Cultura Poetica, por Evaristo de Moraes. — V Da educação, por Herbert Spencer. — VI Bibliographia Brazileira. — Catalogo alphabetico das publicações brazileiras,

MENSAGEM DIRIGIDA PELA COMMISSÃO EXECUTIVA DE ALGUNS HOMENS DE LETRAS DO RIO DE JANEIRO AO GOVERNO PROVISÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

CIDADÃOS,

Ha justamente um seculo o primeiro martyr da idéa republicana no Brazil erguia a cabeça cheia dos grandiosos planos da Revolução, e os impulsos de sua nobre alma vibravam unisonos com as lyras de um punhado de poetas. Era Tiradentes fulgurando no meio da constellação de Claudio, Gonzaga e Peixoto, que são a Grande Ursa do ceu de nossa historia, como o Cruzeiro do Sul é a constellação magna do firmamento de nossa patria.

Este facto historico é a representação de um dos phenomenos organicos e típicos da vida social da nação brazileira.

N'esta grande porção da America duas forças vivas estiveram constantemente de pé:—o povo e os homens de letras.

O povo, e, quando dizemos o povo, referimo-nos áquella grande parte da nação que os aristocratas de todos os tempos chamaram desdenhosamente o *terceiro e o quarto estado*, donde, repara bem, em sua maioria sahiu sempre o nosso glorioso exercito; os homens de letras, e, quando dizemos os homens de letras, referimo-nos a todos aquelles, que, tomando a si os encargos intellectuaes da patria, foram, no curso de quatro seculos, os factores mais energicos e mais desinteressados de nosso progresso; plebe e pensadores, sempre estas duas forças caminharam aqui unidas!

A historia o testemunha.

No primeiro seculo da descoberta e da conquista não existiam ainda poetas e escriptores; havia cousa de alguma sorte superior: o lyrismo anonymo. N'elle se extravasava a alma do povo na embriaguez de todos os sonhos, na pujança de todos os enthusiasmos, no delirio de todas as esperanças.

A poesia e o povo se entendiam. Ao

seculo do descobrimento succedêra o da expansão e da resistencia, expansão dos colonos para o interior, resistencia aos estrangeiros, que porfiadamente invadiam capitancias inteiras. Deram-se então os dous factos mais decisivos da historia colonial, os dois attestados mais authenticos da constituição interna da nação: a epopéa sem igual da guerra hollandeza, a acção espiritual de Antonio Vieira e Gregorio de Mattos. Attentai para os factos; na guerra hollandeza os heróes populares, como os deuses de Homero em quatro passos, em quatro encontros definitivos restituíram ao Brazil a integridade de seu corpo e a integridade de seu espirito: a terra deixou de soffrer uma solução de continuidade, as almas ficaram estranhas ás heterodoxias do protestantismo. Este facto assombroso, que a musa da historia reveste-se de galas para cantar, foi levado á realidade sómente, exclusivamente pela energia do povo. O combate das Tabocás, a batalha primeira dos Guararapes já tinham sido ganhos e ainda João IV, o chefe da dynastia de Bragança, negociava com a Hollanda a cessão definitiva de quatrocentas leguas de costa sobre duzentas a dentro pelo coração d'este paiz!.. Isto se fazia a troco da paz com os neerlandezes para poder-se mais desassombradamente firmar um throno em Portugal! O patriotismo, a divina abnegação de nossos heróes salvou-nos. Ainda uma vez o povo n'esta terra se encarregava de fazer a historia e resguardar o porvir. Os poetas e os homens de letras não estiveram, n'esse tempo, abaixo de sua missão. Bem longe d'isso. Dois gigantes de cem covados levantaram então as mãos possantes, atirando n'este solo os fructos adamantinos de seu genio: Gregorio de Mattos, o revolucionario da satyra, o irreverente oppugnador dos ruins costumes, elle, que teve o pré-sentimento da abolição e da republica; Vieira, o pamphletario do pulpito, o folhetinista das cartas, o flagellador dos máos, elle, que soffreu prisões e affrontas pela liberdade dos indios; um e outro são as letras em face do povo. Sempre uma força em frente a outra harmonicas, e indestructiveis na sua harmonia. Entretanto, o seculo XVII escoara-se com o bello episodio popular de Beckmann e o seculo seguinte iniciava-se com os movimentos altamente significativos dos *Emboabas* e *Mascates*, o que importa dizer—já achar-se então nitidamente feita na consciencia popular a diferenciação de

uma nacionalidade nova, distincta da dos velhos colonisadores.

A riqueza espalha-se, o planalto central está povoado. Minas espreita dos cumes de suas serranias doiradas; afia os ouvidos de seus grandes filhos, que escutam ao longe, n'um vago presentimento, os ruidos de regias cabeças que tombam, o verbo dos tribunos que estuam, o clangor de batalhões patrióticos que combatem; Minas, para quem a poesia e a historia reservarão sempre as suas flores mais perfumosas e os seus hymnos mais festivos, tinha a intuição, o sentimento mais ou menos claro de quanto se passava em Pariz... O 89 de França repercutiu no Brazil e repercutiu lá dentro nos sertões encantados. Já vos recordei, cidadãos, o brilho de Tiradentes cercado de sua pleiade de genios amigos, revolucionarios como elle. Mas estava escripto que o 89 de França não havia de ter sómente aquella commemoração no Brazil: um seculo depois havia de ter a festa das festas, a commemoração das commemorações na proclamação da—Republica Federal Brasileira. E si jamais houve occasião e houve motivos para uma geração de vivos render os preitos do amor e do reconhecimento a uma geração que já se partiu da vida, essa occasião é agora, esses motivos são aquelles que constituem o immorredoiro elogio dos incomparaveis utopistas da *Inconfidencia*. Nós outros, nós os homens das ultimas decadas do seculo XIX, o grande seculo das reivindicacões, não fizemos mais do que avançar pelas linhas geraes que na direcção do futuro tinham sido traçadas pelos condemnados, pelos suppliciados de Minas.

Os factos, porem, seguiram seu caminho normal. Ao seculo de nosso desenvolvimento autonomico succedeu o seculo da Independencia que havia de ser tambem o seculo da Republica. O povo, como sempre não se limitou, desde os inicios da grande epoca, a ser um simples factor economico; foi ainda e mais que nunca, a primeira quantidade politica que se impunha e com que se havia de contar. Os homens de letras e de sciencia, vindos da geração passada, alteavam-se entre os mais illustres de nossa lingua. Silva Lisbôa, o sabio, fomenta as ideias economicas e abre os portos do Brazil ás nações do mundo; Hyppolito da Costa, o jornalista, é a voz da consciencia livre de Portugal e Brazil contra o despotismo regio; José Bonifacio, poeta e naturalista, Antonio Carlos, orador e pu-

blicista, Januario, Lêdo, Sampaio, litteratos e escriptores, formando o foco, o nucleo que serve de centro a cem outros, todos pensadores e homens de sciencia, fazem a Independencia da America Portugueza. O povo, seleccionado no exercito, é ainda o grande operario do movimento. A evolução se precipita cada vez mais: a 17 e 22 succedem 24 e 31.—E quem se acha á testa das luctas n'esse tempo de que se recordam ainda saudosos os nossos maiores, as reliquias vivas d'essa geração de legionarios da liberdade? E' bastante citar as almas heroicas de Odorico Mendes, o mimoso poeta do *Hymno á Tarde*, e de Evaristo da Veiga, o valente jornalista da *Aurora Fluminense*. E d'esses dois homens, de cujos feitos a memoria chegava aos tempos de nossa meninice como a narrativa de alguma coisa de estranho passada na Roma ou na Athenas dos aureos tempos, o menos que se póde dizer, por ser quanto basta para classificar-os na historia, é que n'este recanto do extremo occidente no meio de uma população nova, que ensaiava os primeiros passos nas luctas politicas,—elles, na phrase applicada a um estadista europeu que lhes quadra em maior escala, *elles tinham verdadeiras proporções antigas*..

Assim, em nosso tempo, sempre que um abalo qualquer no encaço da liberdade, do engrandecimento e da gloria agitava o coração de nossa gente, lá estavam os homens da penna. Nunca esta arma foi manejada por mãos mais destros e punhos mais seguros. As canções dos poetas, as orações dos tribunos, os escriptos dos sabios eram como formas diversas de um só pensamento, phrases differentes de uma só ideia. E esta era inilludivelmente a aspiração democratica da nobre terra d'America. Um phenomeno extravagante ponde accentuar-se nos ultimos cincoenta annos aos olhos de todos os que quizeram ver; a politica nacional, desencaminhada de seu leito natural, tomou côres imperialistas; mas a litteratura foi e continuou sempre a ser republicana!.. As preoccupações interesseiras iam por um lado e a consciencia nacional ia por outro. Não existe gladio mais formidavel do que a penna: atacado methodicamente, resolutamente, o imperialismo começou a desconjuntar-se.

Abriu-se-lhe uma grande brécha na extincção do trafico negreiro; foi partido pelo meio na libertação do ventre escravo; esphacelado em destroços na emancipação

dos captivos. E quaes foram os operarios d'esses feitos incomparaveis, que não contam iguaes em todo o mundo; porque em toda a parte elles foram argamassados em sangue, e aqui sahiram das mãos dos homens para as paginas da historia perfumados de flores por entre risos e festas?

Eusebio, um jurisconsulto, Paranhos, um mathematico e jornalista, Luiz Gama, um poeta e orador, para só falar dos mortos; porque, pelo que toca á abolição particularmente, si tivéssemos de repetir nomes, fôra mister citar os de todos aquelles que n'este paiz nos ultimos decennios conscientemente manejaram a palavra.

Agora mesmo no facto extraordinario, que é o espanto da Europa e o jubilo da America, na proclamação da Republica, as duas grandes forças lá estão jungidas uma a outra: o povo, consubstanciado no seu exercito democratico, que se acha inteiro em linha por traz de Deodoro; as letras, representadas em Quintino — o jornalista raro, em Ruy — o orador inexcédível, em Aristides — o panphletario vibrante, em Salles — o publicista vidente, em Demetrio — o engenheiro adestrado, e, como laço indestructivel entre todos, Wandenkolk e Benjamin Constant, este ultimo uma culminação genial, onde o character militar serve apenas para dar mais pujança á envergadura do sabio.

Assim falando, cidadãos do Governo Provisorio, a litteratura brasileira não vem prostrar-se a vossos pés, como junto ao throno de Augusto ou de Luiz XIV, em tempos menos livres, espiritos, amortecidos por uma educação menos nobre, queimaram o incenso de uma admiração interessada. Não! Os homens de letras e artistas do Brazil têm pretensões modestas, porem muito firmes e honradas. Elles consideram-se um factor no desenvolvimento d'esta patria, um elemento de differenciação e progresso no seio da Republica que ajudaram a fundar. Elles do Governo aguardam apenas justiça e liberdade: justiça para os seus esforços, liberdade para o seu pensamento.

Taes as duas condições magnas para que a Republica não venha a ser, como foi em grande parte o imperio, o reinado das mediocridades, do cretinismo fôfo e agalado.

A era das grandes luctas da politica responsavel abriu-se definitivamente para o-
brazileiros. Não é mister pregar sóment
agora moderação e concordia; é precis

desejar também firmeza e trabalho. E, como do seio d'esta terra vão sahir ainda thesouros não vistos, do seio de nossas almas incendiadas pelo sol da nova era hão-de brotar ideias riquezas não sonhadas. A patria abriu as largas azas em direitura á região constellada do progresso; a litteratura vae desprender também o vôo para acompanhá-la de perto. Ao futuro! Ao futuro, modeladores de povos, constructores de nações!

Capital, 22 de novembro de 1889.

SYLVIO ROMÉRO (relator).

COMO ? !...

Como?! e julgavas que não eras bella?
Tu, que tremes de lípidos fulgores,
Tu, que bebes no calice das flôres
Segredos que teu halito revela!...

E dessa fronte a linda transparencia,
Mais o roseo frescor da bocca pura,
Onde os risos são favos de ternura,
E as palavras perfumes de innocencia?

Mais ainda esse olhar que tão maligno
De amor tirou-me a lagrima primeira,
E o porte nobre e o pézinho digno
De sobre elle pensar-se a vida inteira?

E a alma sublime de quem sempre vejo
Pairar no rosto um não sei que tristonho,
E a mãozinha que cobre-se de um beijo,
E a cintura que aperta-se n'um sonho?

E o albor que advinha-se em teu seio,
Céo sublime por que muita alma anhela,
E o corpinho que é quasi um devaneio...
Como?! e julgavas que não eras bella?

Ser bella é ser assim qual te diviso,
Santa, adoravel, sendo um pouco ingrata.
Feiticeira no olhar, cruel no riso,
Ter um raio que brilha, outro que mata.

TOBIAS BARRETO.

A Nova Escola de Direito Criminal.

IV

Sob o titulo de *Anthrologia Criminal* o Sr. Dr. João Vieira publicou também no *Diario de Pernambuco*, na secção de *Artes e Lettras*, um artigo, que, vê-se á primeira vista, não foi escripto senão como motivo para a publicação das seguintes palavras attribuidas a Cesare Lombroso:

«Io ho letto i due articoli stupendi del *Diario* che popolarizzano così bene le nostre idee.»

Os dous admiraveis, prodigiosos e estupendos artigos, a que referem-se estas palavras, são as duas noticias do Sr. Dr. João Vieira sobre trabalhos de Ferri, Garofalo e Puglia, noticias em que o seu auctor não tem a felicidade, como já tive occasião de mostrar, de chamar attenção e conquistar sympathia para os chefes da chamada *nova escola criminal positiva*.

Entre nós está se desenvolvendo uma mania insupportavel: uma meia duzia de mediocres escreve umas tantas banalidades a proposito de algum livro de nomeada e dirige-se por carta ao seu auctor. Este, que ordinariamente é um homem de educação, e de mais a mais desconhece a nossa lingua, responde agradecendo ainda mesmo as maiores parvoices e mentiras ditas a seu respeito.

Tanto basta para que os pedantes se encham de satisfação interior e sintam-se lisongeados em sua fatuidade.

Quantos pretenciosos não andam por ahí consolados dos dissabores, por que têm passado, com o mais ligeiro signal de delicadeza por parte de algum escriptor estrangeiro?

Sic leve, sic parvum est, animum quod laudis avarum.

Subruit ac reficit.

E' uma gente que nada vale *em si mesma* e por *si mesma* e que não procura senão parecer aos olhos dos outros, com alguma phrase mais ou menos encomiastica deste ou daquelle sabio europeu, mais ou menos lisongeiro, o que realmente não é.

Acabo de lêr o ultimo escripto de Cesare Lombroso, em que este distincto medico dá conta dos ultimos trabalhos sobre a *Anthropologia Criminal*, como os *Caratteri dei delinquenti*, de Mazzo, Torino, 1887, o *Archivio di Psichiatria, Scienze penali Anthropologia*, Torino 1887—1888, o *Omicidio* de Ferri, 1887, a *Criminologia*, de Garofalo

os *Actes du Congrès international d'anthropologie criminelle*, Roma, 1887, a *Revista de anthropologia criminal*, Madrid 1888, o *Schetetro del naso nei criminali*, de Ottolenghi, Torino 1888, *Del ricambio materiale nei delinquenti*, de Ottolenghi, Torino 1888, a *Vida penal en Espana*, de Sallilas, Madrid 1888, os *Archives d'anthropologie criminelle*, de Lacassagne, Lyon, 1887, e nem uma palavra sobre os « *due articoli stupendi del Diario che popolano: sono così bene le nostre idee* »!

Como entre todos, que ultimamente têm-se occupado com a Anthropologia Criminal, desde os ensaistas Busdraghi, Bosselli, Tenchini, Severi até Mazzo, Ferri, Garofalo, Ottolenghi. Sallilas, Lacassagne, não achou Cesare Lombroso lugar para o Sr. Dr. João Vieira com os seus dous estupendos artigos?

O procedimento do medico italiano é bem significativo e faz lembrar Schopenhauer notando que no intervallo entre elle e Kant não mencionava Fichte, Schelling e Hegel, porque não passavam de sophistas, de charlatães, que não procuravam a verdade, mas sómente o seu proprio interesse.

Que se reflecta bem sobre o procedimento do distincto medico italiano e não encontrar-se-ha outra significação senão que Cesare Lombroso está convencido de que os seus pretensos discipulos estão dando uma interpretação e applicação falsa aos seus trabalhos.

Contra esses discipulos de vistas estreitas, os quaes confundem cousas bem distinctas, como a anthropologia criminal com o direito penal, parecem escriptas as seguintes palavras do sabio psychiatra:

« Ao lado da escola anthropologica nasceu tambem uma escola juridica: ella traz os nomes de Garraud, Kraepelin, Ferri, Fioretti, Puglia, Fuld, Garofalo, Letourneau, etc. »

Como se vê, Lombroso distingue entre escola anthropologica e escola juridica: a primeira procura determinar o verdadeiro typo do homem delinquente; a segunda trata de assentar o *criterium* da pena sobre a natureza do homem criminoso.

Entretanto, o Sr. Dr. João Vieira confunde uma cousa com outra, as consubstancia e faz votos « para que os medicos dirijam seus estudos naquella direcção — physiologia e psychologia — por uma necessidade imposta pelo meio, em que vi-

vemos, *si et in quantum*, não contando nós com juristas da altura de um Enrico Ferri, o joven deputado italiano, que apenas laureado em direito segue em Paris o curso anthropologico de Quatrefages e anda depois com Lombroso um anno em Turim nos laboratorios, nas prisões e nos asylos de alienados; de um Virgilio Rossi, doutor em leis, e alguns outros, hoje distinctos anthropologistas, aliás sendo muito mais facil estudar o medico o direito do que o jurista a medicina. »

Eu desejava que o Sr. Dr. João Vieira declarasse em que se funda para affirmar que não possuímos um jurista da altura de Enrico Ferri, um especialista de vistas estreitas, que não tem feito senão occupar-se com detalhes sem significação scientifica, quando é certo que temos o autor dos *Menores e Loucos*, monographia juridico-penal, em que o crime é apreciado sob um ponto de vista mais largo e proficuo do que no *Omicidio*, de Ferri, não sómente como um caso de *pathologia* ou de *atavismo*, mas, sobretudo, como uma *irregularidade social*, e a *penalidade* como uma especie de selecção artificial para eliminação mais ou menos absoluta dos elementos perturbadores da ordem social?

Mas tem tanto senso affirmar que não temos um jurista da altura de Enrico Ferri ou de Virgilio Rossi como dizer que é mais facil o medico estudar o direito do que o jurista a medicina...

Além disto, que necessidade tem o jurista de saber medicina? Não lhe bastará o estudo da psychiatria? Dado mesmo que o crime seja sempre uma doença, o que é innegavel é que o jurista o apreciará sempre sob um ponto de vista differente daquelle em que se colloca o medico, isto é, o considerará não como um caso de *pathologia*, mas como uma *irregularidade social*. O medico empregará o remedio para restabelecer a saude do individuo, o jurista a pena para restabelecer a ordem social.

Podem ser muito curiosas as experiencias de Ottolenghi sobre as urinas dos criminosos por nascimento; mas aos juristas pouco importa que ellas contenham pouca uréa e muito phosphoro; o que lhes interessa é o crime como *anormalidade social*, para cuja apreciação não ha necessidade de saber-se medicina nem de proceder-se a analyses chimicas.

O Sr. Dr. João Vieira mostra ignorar os ultimos estudos de Lombroso quando aconselha que os nossos medicos dirijam as suas vistas para a physiologia e psychologia no estudo da Anthropologia Criminal, porque « a parte anatomica fórma sómente o fundo do quadro. »

Saiba, porém, o nosso professor de direito criminal que em um trabalho publicado, não ha muito, sob o titulo—*As novas Descobertas da Anthropologia criminal*—Cesare Lombroso nota que se tem « descuido de prestar uma attenção seria ás scleroses, ás plagiocephalias craneanas e sobretudo ás microcephalias frontaes, que imprimem verdadeiramente o typo nos criminosos e que Mazzo, em sua nova obra sobre a criminalidade — *Caratteri dei delinquenti* — acaba de pôr em relevo com tanta clareza. Tambem não se tem pensado na frequencia das inflammções chronicas das membranas do cerebro, que se constataem pelo menos em 50 por 100 dos criminosos. Não se passa um dia sem que façam-se descobertas analogas. »

« E' assim, continua Lombroso, que Knecht constata nos criminosos a frequencia da subdivisão da lobulação fetal dos pulmões, do figado, dos rins; é assim igualmente que Tenchini achou no esqueleto de dous assassinos incorrigiveis sobre sessenta uma vertebra dorsal de menos e a perfuração do olecranon, que encontra-se nas raças humanas inferiores, os Hottentotes, por exemplo. Lemoine publica, nos *Archivos de Anthropologia criminal*, de Lyon, uma anomalia talvez unica: a reunião dos lobulos frontaes encontrada em um ex-membro da communa, o qual morreu cleptomano em Lille. E Severi nos mostrou, nos criminosos comparados com pessoas normaes, uma maior capacidade das fossas do cerebello. Ottolenghi muito recentemente, estudando, em meu laboratorio, o esqueleto do nariz dos criminosos de nascimento, notou em triplíce proporção, o que é unico nos normaes, chanfro nasal como nos macacos e abertura nasal asymetrica, pteleorinica: quanto ao que diz respeito á forma do nariz, nos assassinos prevalece, como nos epilepticos, o nariz giboso, grosso e longo, nos ladrões o nariz chato, cavado, curto e largo como nos cretinos; nos gatunos o nariz rectilineo e de dimensões regulares. »

Assim nestes ultimos mezes são os factos anatomicos que têm chamado prin-

cipalmente a attenção de Cesar Lombroso no estudo do homem delinquente, notando-se que referindo-se a analyse dos crâneos de criminosos, o distincto medico italiano confessa que vio com grande prazer o bom exito de seus estudos, bom exito no qual não acreditava ha alguns annos.

Vê-se, portanto, que o Sr. Dr. João Vieira desconhece os ultimos achados da Anthropologia Criminal, pensando, além disto, que fez uma descoberta quando escreveu as seguintes palavras:

« Mas ha um ponto de suprema importancia para a nova escola que se impõe como uma necessidade ineluctavel ás sociedades actuaes: é a desapparição do antagonismo entre a sciencia e as leis explorado pelos interessados apoiados por seus patronos que se prevalecem dessa contradicção para conseguir absolvições plenas e incondicionadas de individuos tanto mais perigosos quanto mais pronunciada é a sua temibilidade caracterisada pelo impulso para delinquir. »

Ha cinco annos, porém, em um estudo de psychologia criminal, a proposito dos *Menores e Loucos*, de Tobias Barreto, sem que podesse ter lido Enrico Ferri, que sómente em 1887 publicou o seu *Omicidio*, disse eu na *Folha do Norte*:

« Quer se aprecie á luz da consciencia, quer em face da liberdade, o certo é que em todo caso o criminoso é julgado segundo a sua responsabilidade moral, e a responsabilidade moral diminue de dia para dia, a medida que as sciencias anatomopathologicas fazem novos progressos.

« O que vê-se todos os dias? Os medicos legistas, que tomam parte nos grandes processos, com os seus pareceres, attribuem o crime ora a uma impulsão imperiosa e irresistivel (carencia de liberdade), ora a uma exaltação subita, a uma allucinação momentanea (carencia de consciencia).

« Então estudam os *antecedentes* do criminoso ou o *momento* do crime, e, conforme este foi praticado *irresistivel* ou *inconscientemente* exclamam que os juizes têm diante de si um caso de *atavismo* ou de *pathologia*, e assim verdadeiras feras humanas, almas de tigre, são conservadas no seio da sociedade para tormento, desespero e destruição das pessoas inoffensivas, uteis á communhão civil, das naturezas cheias de abnegação, que occultam muitas vezes as suas proprias lagrimas, ou feridas para

não entregarem um malvado ou facinoroso às mãos da justiça publica.»

Não é a mesma cousa, que o Sr. Dr. João Vieira apresenta hoje como uma novidade? Fique certo o nosso professor de direito criminal que o seu predilecto Ferri com todas as suas minuciosidades anthropologicas é pobre, muito pobre de originalidade.

ARTHUR ORLANDO.

Cultura poetica

ALGUMAS IDEIAS

A conquista de todos os sentimentos, a luta por todas as ideias, desde os primeiros rebentos de concepção cosmogenica num cerebro de pithecanthropo até a concepção monistica de um Hœckel,—desde o córte do sílex até o córte do isthmo de Panamá,—tudo que é progresso, tudo que é cultura representa aquillo que Tobias Barreto chamou evolução emocional e mental do homem. Dentro dos limites d'esta evolução, a poesia—se é que não se crê ainda que seja filha do céu — é filha do instincto primitivo do amor, na sua passagem para sentimento, exprime a cultura da tendencia naturalmente bruta para a emoção naturalmente educada, pelo refreio do instincto primitivo.

Por este lado, a poesia prende-se ao desenvolvimento emocional, na sua altura lyrica seu timbre mais harmonico, na sua organização mais do intimo, mais do sangue, mais das entranhas do homem. Por outra parte, em sua relação para com a cultura mental, a poesia soffre o effeito d'aquelle mesmo *antropomorphismo*, que é, aliás, uma das causas da Religião. Os que consideraram o *antropomorphismo* simplesmente pela sua feição religiosa illudiram-se, bem como não o conheceram todo os que lhe deram vista apenas pelo lado das funções genesicas.

E tanto num caso, como noutro, a parte descuidada foi a poesia. ou antes, sua emoção espontanea que tendia, por assim dizer, a crystalisar-se nas formas do pensamento.

E o *antropomorphismo*, que é o mesmo *animismo* de Tylor e que foi denominado do *metaphorismo* pelo insigne compilador Theophilo Braga, vem, como é sabido, do conhecimento confuso que o homem pri-

mitivo temperava entre factos psychologicos e concepções do mundo exterior. D'est phenomeno, que foi o primeiro factor d'emoção religiosa nas raças superiores, surgiu a poesia, quanto á sua liga com a cultura mental.

I

« O mytho não tem pai; depois de crecido nas sombras, surge repentinamente »

São palavras de Strauss, em sua conhecida obra exegese biblica.

Bem igual á origem do mytho, é a origem das primeiras criações poeticas, quer achem um Homero para edictal-as, um nome como o de Ossian ou andem perdidas de geração em geração, de cerebro em cerebro, ouvindo o bater de mil corações, de seculo a seculo.

Toda a poesia primitiva tem dois destinos abertos diante de si: a assimilação litteraria ou a perpetuação tradicional n'alma do povo, que é o residuo de todas as tendencias poeticas, a alma *mater* das criações espontaneas das primeiras epochas.

Basta attentar para o que se disse atraz sobre a philogenese poetica, para vêr que ella está na massa do sangue popular.

Ainda hoje, no esfervilhar de toda a industria moderna, na agonia de todo o trabalho simples, de toda a luta heroica, ainda hoje, quando o homem não tem tantos musculos como tanta dynamite, nos logares onde domina uma ideia, uma occupação, uma tendencia de propensões fixas, o sentimento poetico anda no ar, como as ideias messianicas anteriores a Jesus esvoaçavam pela Judéa, na bella phrase de Ernesto Renan.

E, exprimindo o amor, eu não sei se diga que a poesia, legitima filha do lyrismo d'alma popular dá semelhança com um extravasamento genesico, como uma descarga electrica.

E é assim que eu comprehendo o lyrismo espontaneo do povo, do ariano em sua organização primitiva, no seu dominio das margens do Ganges ás margens do Atlantico, é assim que eu comprehendo o trasbordamento sensual da paixão naquelle povo, acostumado ás expansões, menos lubricas, mas não menos intensas que as que Zola deixou buriladas escaldantemente na descripção das gentes das minas, no *Germinal*. E não avanco coisa que se pareça com heresia.

Hoje, a anthropologia liga as amabilidades

petrarchescas do amor lyrico, ainda mesmo de hoje, ás leis organicas da procreação.

E' por isso que, ainda ha pouco, referindo-se mesmo á poesia do nosso tempo, Arthur Orlando achou para sua mais nobre característica a originalidade, o que não é de admirar porque, até certo ponto parece que o coração não tem epocha (1).

Justamente, uma das características do ariano é o senso artistico, é a percepção e a vinculação da natureza—a fonte da poesia, porque é a fonte do amor e a fonte do metaphorismo.

Ramée já notára a pouca aptidão do semita para as concepções estheticas; notara o Renan, e, máo grado sua temesia, alguns admiradores do passado hebraico não podem negar verdades que se fundam mesmo no estudo dos sentidos e dos seus órgãos, entre as duas raças.

E' assim que a conhecida escriptora polaca Susana Rubinstein assevera que a diversidade da vida espiritual e psychica de cada povo repousa em grande parte sobre o predominio de certas e determinadas sensações; sendo exemplos: a raça ariana se distingue pela sensação apri-morada dos olhos e a semitica pela dos ouvidos (2).

Conclusum est contamanikaeos.

Os primeiros cantos lyricos ás margens do Ganges, onde cresce a flor sagrada do soma, a flor que mais agrada a Brahma, condensaram-se aos poucos, como que fugiram de todas as frautas, reuniram-se em crystalisações cada vez mais crescentes, como as nevoas no cume do Himalaia.

D'ahi o lyrismo. As invocações aos deuses, a Brahma, que tudo erege, que foi o creador, a Indra, ás neves e ás chuvas, ao sol ardente, que faz brotar as sementes e ao rio sagrado, que leva de terra em terra a crença do deus supremo, tudo fundiu-se....

D'ahi as preces religiosas, os hymnos, os canticos, entoados por todos os brahmines e acompanhados em choro pelos neophytos.

Demais, os reis sabiam a sentença de Manu: «os soberanos que combatem com coragem sobem ao céu, depois de mortos.»

(1) Ha uns seis annos o nosso Tobias Barreto disse isto. No anno passado tambem o disse, cheio de fanfarronada, o conhecido criticador portuguez Pinheiro Chaves.

(2) Note-se que esta observação encontrei em defensor extremo da raça semitica.

E, tal sabendo, iam de conquista em conquista, contra os miseraveis povos de fronte negras como a noite, destruidores dos altares divinos, que vinham sempre batidos desde o bello valle de Cachemira até a borda do mar.

E assim, no meio da lucta, entre o alon-gar do combate e o gemido dos moribundos, quando a morte, como o anjo da guerra, de que falou Byron, prostrou os miseraveis homens de pelle-negra, eis que surge a forma guerreira da poesia, asso-biada na tuba, feita dos canigos que co-leam as margens do Ganges, olhando para o sol....

E foi-se tudo condensando, sentimento sobre sentimento—amores de mil annos, prazeres sobre dores, dores sobre agonias, foram-se condensando versos sobre versos, estrophes sobre estrophes—surgiu o *Mah-Barata* e surgiu o *Ramayana*....

De cima dos montes que vêm da Attica sinuosamente e que curvam-se como os rios, que lhes serpenteiam em baixo, soprando a avena rude—vem o partorsinho grego, olhares ternos para o rebanho, ternos olhares para a aurora que esponenta por entre as franças....

Poesia agreste, rustica, bucolica...

Entre sons de tymbale, pinchos e vose-ria, escorre o vinho de alguns lustros, sangue de baccho (Evolhé).

E' bom phantasiar a alegria; surgem nas caras, surge o theatro.

Ao lado da alegria, o pranto... Depois do tymbale, a lagrima.

As mascaras são duas: a alegria e a dor; comedia e tragedia—diz-se Paul de Saint-Victor.

Poesia de Dyonisos, poesia vermelha, que pincha, que barulha, ao mes no tempo Dyonisos—o festivo Baccho dos romanos—é o pai do theatro.

O genio guerreiro incendiado tudo de-vasta, guerras sobre guerras, aspirações sobre aspirações, aventura sobre aven-tura....

E a voz corrente dos arraiaes, a atmos-pheria da guerra, carreteiam estrophes cõrde sangue, lúsidias como gumes de aço; ternuras de mãe ao vêr partir o filho, ternuras de esposa que espera o esposo; agonia do pai, que vê o filho morto; estridor da armaria pesada, clangor das trombetas; marciaes discursos.

Na atmosphera da guerra, todos os espiritos fazem-se poetas; os que não inventam, decoram todos os corações naufragam nos mesmos sentimentos...

Ha um que tudo copia; este um é o genio, porque o genio é mesmo o resultante de uma civilisação qualquer, de sua tendencia, de sua medida, é o pendulo do que ella sente e do que ella pensa...

Philarète Charles disse:

«Na atmosphera de um homem superior, tal como Shakespeare e Dante, mil elementos confusos e errantes fluctuam, por as-im dizer, ao acaso.»

Na atmosphera de Homero erravam os canticos de guerra, tradicionalmente conservados.

D'ahi a *Illiada*, d'ahi a *Odysséa*.

II

D'aquella origem, a poesia ariana para chegar ao periodo em que a vemos, ás novas formas geralmente adoptadas de parnasianismo; se não contarmos os homens geniaes que criaram escola para si e que foram syntheses de seu tempo, se não contarmos Dante, se não dermos a attenção merecida a Shakespeare, se não formos até o estudo esmiuçador nas obras de Goethe; se passarmos assim por cima da synthese italiana da idade media, da synthese universal de tudo que alma é, da synthese dos sombrios tentamens e sombrias luctas do espirito moderno—se tudo isto dermos de barato, para não perder o fio d'este estudo—apenas veremos o classismo grego, o classismo romano; e, de envolta com as cantigas dos trovadores e os ciclos dos amadis, o classismo longo da média-idade, remoendo aquelles dois; até o classismo do seculo passado, volta ás formas gregas e romanas no palco e no livro.

A forma, em sua origem, é uma derivante do que geralmente denominam fundo, do centro, do nervo da poesia, em parte. Em parte deriva da cultura do ouvido, ou antes, dos órgãos dos sentidos, se falarmos generalizando o nosso estudo não só á musica, mas também á pintura e á esculptura.

O costume, o repisar dos mesmos habitos de cantar cria o rythmo.

O ouvido começa a lucta pelo som; vem a selecção das formas.

As consoantes encostam-se ás vogaes como tremulas, medrosas dos castigos do ouvido.

Este desterra as que ferem-no, acalenta as que o afagam.

A par do classismo da forma, que cria, em sua origem, o *estyllo*, vai surgindo o classismo do fundo, a regra imposta ao pensamento e ao sentimento, excluindo certas classes de idéias e de sensações, subordinando tudo a um meio artificial, meio de copia.

Os grandes genios, mesmo porque são transumptos d'alma popular, mesmo porque ouvem o ruido de seus pensamentos, rebelam-se contra o classismo do fundo e por isso são de todos os tempos.

As epopéias surgem conforme corre o sangue na arteria da civilisação.

Dante, no meio das revoluções politicas que o agitam e que agitam o seu paiz, no meio da atmosphera religiosa do seu tempo, enche-se de ascetismo, vai ao inferno, ouve os soluços das almas soffredoras, attenta para todos os supplicios; vai ao purgatorio, onde a dôr se faz alegria, a lagrima se faz riso; vai ao céu e lá encontra sua amante.

A *Divina Comedia* sae formada de dentro das crencas biblicas, espalhadas na alma tradicional da Italia, que ainda agora foi chamada por Oliveira Martins — uma prolação do mundo antigo, dentro da civilisação moderna.

Portugal — um pequeno rabo que a Europa quiz lançar á Africa, mas que limitou-se a ficar suspenso á espinha de uma península. Portugal começa sua medição de mares nunca d'antes navegados, funde sua ousadia n'alma dos reis jovens, que que mandam construir navios e fazem escolas de marinhagem, funde seu espirito numa cabeça como a do Albuquerque, o genio dos Indios; o espirito ousado do Lusitano, filho de Spartaco, o espirito aventureiro do Lusitano, filho do Arabe, braceja para toda a terra inexplorada; o rabo da Europa faz-se fonte de riqueza e de gloria, junta-se o ouro aos trophéos da victoria.

Surge Camões, surgem os *Lusiadas*.

Estes genios que se rebelam, que voltando á forma classica, são incarnações vivas do seu tempo, teem imaginação que tudo advinha, que precede sempre os movimentos scientificos com uma percepção indistincta. (Oliveira Martins).

Fora destes cerebros, o rum-rum do classismo.

No espirar do seculo passado e no co-

meço do actual, entre as luctas politicas que abaláram os tres centros da civilisação ariana — a Allemanha, a Inglaterra e a França — surge a nova concepção da arte, a romantisação da vida e do amor, do prazer e da tristeza, observando mais cada um o que vai pela alma do que o que vai pelo mundo.

Em synthese eu concordo com o Sr. Viveiros de Castro. Este periodo é caracterizado por tres anarchias: a anarchia da sciencia, a anarchia do sentimento, e a anarchia da politica, consubstanciadas nos nomes de Goethe, Byron e Hugo.

« Goethe symbolizou no *Fausto* essa sede do homem pelo incognoscivel, esse desejo de descobrir a razão mysteriosa das causas, a explicação dos phenomenos, o cansaço, o desalento pela improficuidade do esforço, uma existencia gasta na prosecução de um fim irrealisavel e intangivel. Byron é a revolta contra as prescripções sociaes, o desregramento das paixões, a avidez por um goso estranho, a sede por uma mulher divina, cheia de encantos enlouquecedores. Victor Hugo é a paz universal, a confraternisação dos povos, o regimen republicano e socialista, onde as cadeias se fecham e abrem-se as escolas. Estes tres genios eminentes tiveram muitos imitadores, aves rasteiras querendo seguir o vôo da aguiá.

Mas não deixavam escola, não tiveram continuadores. O *Fausto* não se repete, porque o estudo das causas finaes sahio do campo scientifico. O homem só se preocupa do que lhe pôde ser confirmado pelo methodo exprimental. Não se fatiga em descobrir o incognoscivel. E' mais modesta a sua pretensão, mas também não soffre elle os desalentos que amarguravam a alma descrente de Fausto. Não tem mais imitadores Byron, porque já cahiu no ridiculo esse amor romanesco de cantos de serenatas.

O homem vê hoje na mulher a companheira fiel e dedicada que compartilha de seus trabalhos e participa de suas alegrias e não mais um sér indefinivel, incomprehen-sivel. A policia muito prudentemente vai mettendo na cadeia os pallidos D. Juan. Não vingou e nem podia vingar a poesia de Victor Hugo, porque a paz universal e a republica de Platão são utopias irrealisaveis, contrarias ao principio que a luta é a condição essencial do progresso ».

Goethe é o ultimo epico, Byron o ultimo D. Juan e Hugo o ultimo agitado.

Não tiveram discipulos, tiveram pessimismos e safaros copiadores.

A epopéia estava condemnada por falta de alimento proprio.

Segundo a classificação de Planché nem mesmo a epopéia heroica poderia existir no seculo actual. O proprio Napoleão I, que parecia ter coiado na Europa um typo legendario não despertou uma epopéia.

O Donjuanismo devia ceder à nova educação do homem em relação a mulher.

Não já a mulher da edade media, esposa do marido e amante do trovador ou do pagem; não já a dama do seculo passado criadora, genio ordenador, guiando a esthetica, a mulher foi crendo pouco nos affectos escaldantes e o homem, com a erupção da syphilis, começou a gozar d'outra forma a variedade.

Assim, diz Arthur Orlando :

« O momento historico dos D. Juans passou e por isso actualmente nos crimes contra a honra, a criminalidade da parte masculina é maior do que a parte feminina. »

Os agitados politicos, quer os que muito querem matar, quer os que muito querem amar, também passaram; porque está firmado o principio de que os povos fazem os genios e não os genios fazem os povos; porque temos que ceder, na politica, a considerações de *raça*, de *meio* e de *momento historico*; porque a paz é considerada a negação da vida e a lucta a sua affirmação; porque, assim como a *serpe que não devora serpe não se faz dragão*, a força que vence a força é que se faz direito.

A dissolução do romantismo na poesia foi muito mais rapida do que no romance.

E a razão está bem patente.

O romance, o verdadeiro romance moderno, com a elasticidade que tem, com sua força de forma litteraria absoluta, como disse Rocha Lima, o romance do nosso seculo nasceu no romantismo, em pleno dominio d'esta tendencia.

Em poesia, a escola produziu uma ninhada de declamadores, de baloufas nullidades, sem representação litteraria. E é bom notar que o proprio Hugo foi classificado um *rhetorico de genio*, por um seu compatriota, da altura de Emilio Zola.

Dos escombros do romantismo, que também pôde-se chamar — poesia de Victor Hugo — dos escombros do romantismo, aproveitando aqui, podendo acolá, surgiram todas as modernas escolas de poesia,

mais ou menos pretenciosas, mais ou menos bombásticas.

Não ha negar que isto accentua uma decadencia. Realistas, satanistas quanto ao fundo; uns fazendo timbre em escallpellar podridões, outros atirando para as nuvens, para as regiões divinas, blasphemias como vaporadas de fumo.

Na forma—*parnasianas*.

O parnasianismo não é mais do que uma forma artificial, adaptada ao requinte da moda, cheia de regrinhas enfiadas, sem o jacto vibrante da forma grega e sem o melindre cuidado da forma romana...

E' a poesia do bibelot, do divertimento, do trabalho chinez.

O muito que tem-se escripto sobre o parnasianismo demonstra consideração de mais dada a um tolo exclusivismo, que é a morte de muito talento.

Nada do que a critica tem dito sobre o parnasianismo é mais expressivo do que os poucos periodos do Dr. Raymundo Corrêa, um parnasiano de talento.

Diz elle :

«Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuizos d'essa escola a que chamam *parnasiana*, cujos productos aleijados e rachiticos apresentam todos os symptomas da decadencia e parecem condemnados, de nascença, á morte e ao olvido ! D'essa litteratura que importamos de Pariz, directamente, ou com escala por Lisbôa, litteratura tão falsa, postica, e alheia da nossa indole, o que breve resultará, presinto-o, é uma triste e lamentavel esterilidade. Eu sou talvez uma das victimas d'esse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguem ; lastimo profundamente a todos !»

Esta confissão é elouquentissima...

Depois dos parnasianos, começam a pôr-se á moda os *decadentes*, uns poucos de rapazes parisiences que se criaram um estylo de concisão e de falsificação grammatical absurdo e passageiro.

D'ahi, d'esta accentuada decadencia, concluíram alguns para o desaparecimento da poesia como pertencente a uma phase do espirito que passou, como filha de uma necessidade cultural que já não tem razão de ser, attentos os progressos scientificos.

Quizeram alguns salvar-os com a poesia scientifica, que, apesar do talento de seus impulsioneiros, foi sempre enfadonha e absurda, quando não foi lyrica.

De mais, dizem que, assim como a oratoria, está morta a poesia.

«Ella, porém, diz um escriptor portuguez, ella, a defunta atira com os ramilhetes de estrophes aos agourentos, e solta canções frementes de vida, rindo dos farricôcos que, de balandráos enfiados, teimam em leval-a, á cova, entre tochas e responsos.»

Eu creio que estas tochas e responsos são da critica.

E porque não morre ella?

Porque, no meio de todo o descalabro, de todo o absurdo, de todas as incertezas, irrompe sempre uma boa nota lyrica ; porque ha uma poesia eterna que é a poesia do coração, dos nervos, do sangue, das entranhas.

«O coração é um relógio que de ordinario anda atrasado.»

Elle não sabe o que vai no dominio do pensamento, porque isto pouco lhe importa para sua poesia lyrica, que vibra eternamente a alma humana, que a ella se allia no meio de todas as ruinas, que vive sempre, como vive o coração.

E quem leu as primeiras linhas d'este meio estudo, sabe que não podia deixar de ser assim.

A poesia verdadeiramente humana é ella, é a lyrica.

Eu me lembro de ter lido em alguma obra do Dr. Sylvio Romero que a poesia em seu sentido lato, é lyrica.

E assim descrepo do illustrado Dr. Viveiros de Castro, porque nem todo o sentimento é morbido, nem todo o raciocinio póde supprir a imaginação, porque ainda temos dentro do peito o musculo sombrio, o musculo da dôr e do prazer.

A poesia lyrica, em relação ás suas companheiras, póde usar da phrase de Hugo : *«s'il ne reste qu'un je serai celui-là»*

EVARISTO DE MORAES.

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

recebe todos os dias também castigos positivos; a todo o instante lhe prohibem fazer cousas que ella desejava fazer: pelas palavras a sua felicidade é o fim; pelos factos o seu infortunio é o resultado. Não podendo comprehender qual é esse futuro de que sua mãe fala, nem porque fôrma o tractamento que soffre a pôde conduzir á felicidade no futuro, julga pelo que experimenta; e o que experimenta, não sendo em cousa alguma agradável, torna-se sceticoja respeito das declarações de ternura. Acaso não é loucura o esperar outra cousa? A creança não deve raciocinar segundo os factos ao seu alcance? e estes factos não parecem justificar a sua conclusão? No seu logar a mãe faz identico raciocinio. Se entre os seus amigos houvesse algum que contrariasse incessantemente os seus votos, que lhe dirigisse asperas censuras e que de tempos a tempos lhe batesse, pouco se importaria com os protestos de zelo pelo seu bem, que acompanhariam os seus actos. Porque razão pois suppõe ella que outra cousa deve succeder para com seu filho?

Vêde agora quão differente será o resultado, se o systema que sustentamos fôr applicado com persistencia, e se a mãe não somente evitar o fazer-se o instrumento do castigo, mas representa juncto de seu filho o papel de amiga avisando-o do perigo que a natureza lhe prepara. Tomemos um exemplo; e, para que este demonstre a maneira como este systema deve ser estabelecido desde a infancia, escolhamos um caso dos mais simples. Supponhamos que, levado pelo gosto das experiencias que tão pronunciado é nas creanças — pois que ellas conformam instinctivamente os seus processos com os do methodo inductivo das investigações, — supponhamos que a creança se distrahe a accender bocados de papel ao candieiro e a vel-os arder. Uma mãe irreflectida, como ha tantas, para o impedir de fazer o que ella chama «o mal» ou com o receio de que se queime, ordenar-lhe-ha que não continue; e se esta não obedecer, arrancar-lhe-ha o papel das mãos. Mas, se ella tem a felicidade de ter uma mãe razoavel que comprehende que o

interesse com que a creança vê arder o papel vem d'uma curiosidade salutar, e que, além d'isso, tem o bom senso de reflectir nos resultados da sua intervenção, esta mãe raciocinará da seguinte maneira: «Se interrompo a creança, impedil-a-hei de adquirir um conhecimento util. E' verdade que evitarei que ella se queime; mas de que servirá isso? Mais dia menos dia ella se queimará, e é para a sua segurança na vida necessario que aprenda a conhecer por experiencia as propriedades da chamma. Se nesta occasião evito que corra este risco, mais tarde recommeará, quando não houver pessoa alguma a impedil-a; emquanto que, se ella experimenta um accidente, agora que me tem a seu lado, estou seguro ao menos que não lhe ocorrerá grande mal. Alem d'isso, se a mando cessar, contrario a numa distracção em si innocente e até instructiva, e mais ou menos se irritará contra mim. Como não conhece o soffrimento que eu lhe evitava e não sentirá mais do que o desprazer de ser privada d'uma distracção, não pôde olhar-me d'outra fôrma senão como uma causa de contrariedade para ella. Para a preservar do mal que não comprehende e que por consequencia não existe para ella, firo-a por uma fôrma que lhe é sensivel, de sorte que a seus olhos sou eu que apparentemente pareço causar-lhe o mal. O que tenho de melhor a fazer é advertil-a simplesmente do perigo, ficando prompta a impedir-lhe todo o seguimento serio». Por consequencia a mãe dirá apenas á creança: «Receio que te queimes, se continuas a fazer isso;» e, se como é provavel, a creança persiste, apesar d'este aviso, e acaba por queimar os dedos, o que é que resulta d'aqui? Em primeiro logar adquiriu uma experiencia que é necessario que ella adquira, e que para sua segurança não pôde adquirir muito cedo. Em seguida viu que a desapprovação ou aviso de sua mãe tinha verdadeiramente por objecto o seu bem; uma vez mais experimentou ella a sua vigilante bondade, razão demais para ter confiança nos seus juizos e na sua ternura; razão demais para a amar.

Sem duvida que nas raras occasiões em que ha um grave perigo, é preciso livrar a creança mesmo pela violencia; mas fóra d'estes casos extremo o systema seguido deverá ser, não subtrahir a creança aos pequenos riscos diarios, mas aconselhal-a; advertil-a; e d'esta maneira se fará nascer

nella um sentimento filial muito mais forte do que aquelle que de ordinario existe. Se aqui, como noutra cousa, se deixa entrar em jogo a lei das reacções naturaes; se quando as creanças se entregam a experiencias ou brinquedos que podem ter algum risco, as deixam persistir depois de as advertir d'um modo mais ou menos instante, conforme o perigo for maior ou menor, não pôde deixar de se formar nellas uma confiança cada vez mais forte na afeição e sabedoria dos paes. Não sómente evitam, como já o demonstramos, o sentimento de aversão que deve suggerir o uso dos castigos, ou até as reprehensões repetidas; mas d'estes incidentes diarios, que frequentemente causam scenas penosas, tira-se um meio de fortificar os bons sentimentos mutuos. Em vez de se ouvir dizer por palavras que os seus melhores amigos, as creanças confirmam-n'o pelos factos, e vendo-o adduirem um grau de confiança e de afeição a seu respeito que ninguém mais podia dar-lhe.

E agora, tendo indicado as relações sympathicas que nascerão do habitual emprego de nosso methodo, voltemos á precedente questão: «Como pôde este methodo ser applicado em casos graves?»

Notemos em primeiro logar que estes casos graves devem apresentar-se menos graves e frequentes sobre o regimen que descrevemos, do que sobre o regimen ordinario, sendo muitas vezes a má conducta das creanças a consequencia da irritação chronica em que as conservam por um mau governo. O estado de isolamento moral e antagonismo que produzem os castigos repetidos enfraquece necessariamente a sympathia; necessariamente tambem abre o caminho a essas transgressões que a sympathia evita. Os maus tractos que os filhos de uma mãe de familia se infligem uns aos outros são, numa grande parte, o reflexo dos maus tractos que os adultos lhes fazem soffrer; são na maioria dos casos o effeito da imitação, em parte o do mau character e da tendencia a fazer aos outros o mesmo que lhes fazem; são as represalias das pancadas e dos ralhos soffridos. Não se pôde duvidar de que a actividade do coração e o feliz estado de espirito, proporcionado ás creanças pela disciplina que indicámos, devem impedil-as de as deixar praticar tão frequente e facilmente actos de brutalidade e de cholera. As faltas mais reprehensíveis, taes como

as mentiras e furtos pueris, serão pela mesma causa diminuidos. A frieza de afeição entre os membros d'uma familia é uma causa fecunda de transgressões d'este genero. E' uma lei natural, visivel para todo o observador, que os individuos privados dos grandes gozos da vida procuram indemnizar-se com gozos inferiores; os que não têm as doçuras da sympathia procuram as doçuras do egoismo; e por uma consequencia contraria, felizes relações entre os paes e os filhos se estabelecem para diminuir o numero de faltas que têm por origem o egoismo.

Quando, apesar d'isto, se commettem eguaes faltas, o que algumas vezes occorrerá sob o melhor regimen, pôde ainda recorrer-se mais uma vez á disciplina das consequencias; e se existe esse laço de confiança e de affecto de que já falamos, essa disciplina será efficaz. Quaes são, por exemplo, as consequencias de um roubo em tal caso? São de duas espécies: directas e indirectas. A consequencia directa, dictada pela pura equidade, é a restituição. Um legislador justo (e todo o pae deve tractar de o ser) procurará quanto possivel fazer que uma acção má seja reparada por uma acção boa, e, em caso de roubo, a reparação implica a restituição do objecto roubado, ou o pagamento do seu valor no caso de ter desaparecido: com uma creança pôde isto ter logar com o dinheiro do seu bolsinho. A consequencia directa e a mais séria é o descontentamento profundo dos paes,—consequencia inevitavel em todos os povos bastante civilizados para considerar o roubo como um crime. Mas, dir se-ha, «o descontentamento paterno manifesta-se sempre em taes casos; nada tem de novo no vosso methodo.» Isto é muito verdadeiro. Já dissemos que nalguns sentidos o nosso methodo é espontaneamente seguido. Demonstramos já que em todos os systemas de educação ha uma tendencia a gravitar para o verdadeiro systema. E aqui podemos notar, como mais acima, que, por uma feliz disposição das cousas, a reacção natural proporcionar-se-ha, nas suas manifestações, ás necessidades do meio: o descontentamento paterno exprimir-se-ha por actos de violencia nos tempos de relativa barbaria, em que a creança é tambem com-

HERBERT SPENCER.

(Continúa).

Bibliographia Brasileira

ANNO II — 30 DE NOVEMBRO DE 1889 — BOLETIM XXI

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

266—ALMANACK DO CARMENSE para o anno de 1890, terceiro anno.

267—AMELIA DE QUEIROZ, Conferencia pronunciada no Club Republicano Fr. Caneca em 13 de Outubro do corrente anno.

268—ANNUARIO PUBLICADO PELO OBSERVATORIO ASTRONOMICO da capital federal para o anno proximo vindouro.

269—AZEVEDO MACHADO, Historia da proclamação dos Estados Unidos do Brazil.

270—EDUARDO GUIMARÃES, Vozes de um patriota, folheto politico.

271—FELICIANO DE ARAUJO, Diphtheria, thèse.

272—OLIVEIRA CATÃO, Lesões traumaticas do craneo, thèse.

273—GEORGE OHNET, Verdadeiro amor, traducção de Visconti Coaracy.

274—HIME JUNIOR, Taboas para a redução de libras sterlinas a moeda brasileira.

275—HONORIO LIMA, Noticia historica e geographica de Angra dos Reis.

276—JOÃO RIBEIRO, Versos, 1 vol. em 32, 128 pag., Rio de Janeiro, livraria do Centro Bibliographico, Rua Gonçalves Dias, n. 41. 1/000

277—SIZENANDO NABUCO, Razões offerecidas ao tribunal da Relação, no recurso crime n. 2302—Questão dos Book-Maker pelo recorrente José Pedro Cavalcante.

Noticias Bibliographicas

A LIVRARIA CLASSICA DE

ALVES & C.^a tem nos prelos as seguintes obras:

Chrestomatia Historica da lingua portugueza, por João Ribeiro, 2 vols. in-16.

Estudos e notas philologicas do mesmo auctor.

Sahiráá luz até fim de Dezembro de 1889 a 2.^a edição da Grammatica portugueza (Curso primario) de João Ribeiro, e achase em preparação o Curso medio.

Na vitrine de Alves & C.^a vimos as seguintes novidades bibliographicas:

Dujardin - Beaumetz—Hygiene prophylactique.

Cartailhac—La France préhistorique.

G. Guinon—Les agents provocateurs de l'hystérie.

Fr. Paulhan—L'activité mentale.

T. Butlin—Maladies de la langue.

Adrian—Etude sur les extraits pharmaceutiques.

Lauder Brunton—Pharmacologie et therapeutique

Nothnagel & Rossbach—Matière médicale et therapeutique.

Marcel Dubois—Geographie générale 1.^e année.

Marcel Dubois—Geographie générale de l'Europe, 2.^e année.

Marcel Dubois—Geographie général de la France, 3.^e année.

Marcel Dubois—Geographie economique de la France, 4.^e année.

Marcel Dubois—Geographie economique de l'Europe, 5.^e année.

Marcel Dubois—Geographie economique de l'Afrique, Asie, Océanie et l'Amerique, 6.^e année.

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

- Paulo Saunière*—Nº 3:759 traducção de Francisco da Costa Braga, 3 vols. br. 1\$500
- Jules Boulabert*—A mulher bandido, traducção de Francisco da Costa Braga, 3 vols. br. 1\$500
- Amedée Achard*—As misérias de um milionário, traducção de Francisco da Costa Braga, 2 vols. br. 1\$000
- Alfred de Brehat*—Lágrimas e sorrisos, traducção de Francisco da Costa Braga, 2 vols. br. 1\$000
- Elie Berthet*—Os crimes da marquezia, traducção de Francisco da Costa Braga, 1 vol. br. \$800
- Paulo Saunière*—A herança do enforcado, traducção de Francisco da Costa Braga, 2 vols. br. 1\$000
- Gama Rosa*—Biologia e sociologia do casamento, 1 vol. br. 1\$000
- Mucio Teixeira*—Poesias e poemas 1886-1887. Penumbra, idyllio, e o canticos dos canticos, segunda edição, impressão e papel de luxo, ornado com o retrato do autor Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888, 1 vol. in-8º br. 3\$000
- Victor Tissot e Constant Amoro*—A Rússia Vermelha, traducção de Corina Conracy, 1 vol. in-8º br. 1\$000
- E. A. Vidal*—Crepusculos, 1 volume in-8º br. 1\$000
- Victor Hugo*—O ultimo dia de um condenado á morte, 1 vol. in-8º \$500
- Wilkes*—Panças e Finanças (pamphlet), 1 vol. in-8º \$200
- Cunha Belém*—O pedreiro livre, drama em 4 actos. br. \$500
- M. M. Portella*—Lyrica e lendas do Brazil, 1 vol. in-16 br. \$500
- Alfredo Ancora*—Amor de artista, poema, 1 vol. in-16 br. \$500
- Camillo C. Branco*—Echos humoristicos do Minho, n. 1, 2 e 3, br. \$600
- Camillo C. Branco*—Suicida, 1 volume in-16 br. \$400
- Joaquim Tamegão*—O universalismo, 1 vol. in-12 br. \$200
- Laboulaye*—Paris na America. traducção de Lobo de Bulhões, 1 vol. in-16 enc. 2\$000
- Geikie*—Geologia, traducção de Carlos Jansen, 1 vol. in-16 br. \$200
- Roscoe*—Chimica, traducção de Carlos Jansen, 1 vol. in-16 br. \$200
- Castro Alves*—Os escravos, poema brasileiro, dividido em duas partes; A Cachoeira de Paulo Affonso, e manuscripto de Stenio, precedido da biographia do poeta por Mucio Teixeira, 1 vol. in-16 br. 1\$000
- Castro Lopes*—Origens de annexins, prologos, locuções populares, siglas, etc.—1 vol. in-16, 1886. 2\$00
- Castro Lopes*—Musa latina, amaryllidos dirécce, 1 vol. in-16, 1887. 1\$500
- L. L.*—Um homem gasto, episodio da historia social do XIX seculo, 1 vol. in-16, 1885 1\$000
- Maria Amalia Vaz de Carvalho*—Contos e phantasias, 1 vol. in-16, 1880 1\$000
- Tarbé (Edmond)*—Bernardo o assassino, traducção d'Etoile du Sud, 1 volume in-16 1887 1\$000
- Gomes Ribeiro*—Nevoas matutinas, (poesias) 1 vol. in-16 br. \$500
- Marchal (Padre V.)*—O homem como deveria ser-o, traducção de Antonio de Mesquita, 1 vol. br. 1\$000
- Soulié (Frederico)*—Memorias do diabo, traducção de Guimarães Fonseca, 4 vols. br. 3\$000
- Picanço (Francisco)*—Vocabulario de estradas de ferro e de rodagens, 1 vol. br. 2\$000
- Naver (Ramilde)*—Os idolos, romance, 1 vol. br. \$500
- Castro (Vicente Felix de)*—Os homens de sangue ou os soffrimentos da escravidão, romance original, 2 vols. br. 1\$500
- Andrade (Angelica de)*—Reverberos do potente (poesias), 1 vol. br. \$500
- Gil (F.)*—Contos a esmo, 1 vol. br. 1\$000
- Getulino (Luiz Gama)*—Primeiras trovas burlescas, 1 vol. br. \$500
- Montepin (Xavier de)*—A sereia, versão de E. Accacio, 2 vols. br. \$600
- Alberto Pimentel*—Aventuras de um pretendente, (romance), 1 vol. br. \$500
- Eduardo Garrido*—D. Juanita, opera comica em 3 actos, 1 vol. \$500
- — — Os sinos de Corneville, opera comica em 3 actos. \$500
- — — Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos e 12 quadros \$500
- Alberto de Oliveira*—Sonetos e poemas, 1 vol. br. 1\$000
- Rodrigo Octavio*—Poemas e idyllios, 1 vol. br. \$500
- João Ribeiro*—Versos, 1 vol. 1\$000

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO FAZ VANTAJOSOS ABATIMENTOS AOS LIVREIROS

LIVROS COLLEGIAES

Premiados em diversas exposições

Exposição de Paris em 1889

Medalha de Prata aos livros de ensino de Hilario Ribeiro.

Medalha de Bronze aos livros de ensino elementar de Monsenhor Couturier.

Menção Honrosa ao livro : Guia de calculo mental de Brazilicus (Doutor Alambary Luz).

Menção Honrosa ao livro : Noções da vida domestica, por Felix Ferreira.

Exposição de objectos escolares em 1888 (Rio de Janeiro)

Diploma de primeira classe ao concurso da lingua portugueza (4 vols. por João Ribeiro) :

Diploma de primeira classe aos livros de Geographia Geral e do Brazil e as Noções de Historia Universal, do Dr. Moreira Pinto.

Diploma de primeira classe aos livros : Historia Antiga do Oriente e Historia da Grecia e de Roma, de J. M. da Gama Berquó.

Diploma de segunda classe ao livro : Gramatica Allemã, por A. Neumann.

Exposição de objectos escolares em 1887 (Rio de Janeiro)

Diploma de primeira classe, pelos novos livros de leitura e grammatica portugueza de Hilario Ribeiro.

Diploma de segunda classe, pela Geographia das provincias do Brazil, do Dr. Moreira Pinto.

Menção Honrosa, pela grammatica portugueza, por João Ribeiro.

Exposição pedagogica 1883—RIO DE JANEIRO

Diploma de primeira classe, pelas obras seguintes : Geographia das provincias do Brazil, pelo Dr. A. Moreira Pinto ; Elementos de Algebra, Elementos de Geometria e Trigonometria pelo Exm. Sr. Senador Ottoni.

A' VENDA NA LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.

46 E 48 RUA GONÇALVES DIAS 46 E 48